

Real sobrevive, brasileiros nem tanto

Sheila D'Amorim

A agonia é real. Assim como a política dos juros altos, da moeda forte, da restrição ao consumo e da inflação baixa, o desespero de empresários e trabalhadores faz parte do jogo.

“É preciso proteger o real”, diz o ministro da Fazenda, Pedro Malan, ao justificar as altas taxas de juros.

Como uma super-mãe de olho no caçulinha, a equipe econômica se esforça para manter o plano. Exagera na proteção e deixa dezenas de órfãos espalhados pelo comércio. “Paciência”, pede o pai Malan aos outros filhos.

A inadimplência dos consumidores cresceu 132% entre janeiro e abril, enquanto as dívidas se multiplicam com os juros altos.

Protestos — “Só em abril foram protestados 1.600 títulos de comerciantes que

não conseguem pagar os fornecedores”, reclama o presidente da Associação Comercial do DF, Lindberg Cury.

“Em épocas normais, esse número não chega à metade disso”, completou, à frente de uma carreta que reuniu 1.500 comerciantes pelas ruas de Brasília, na última quarta-feira, para protestar contra a política anticonsumo do governo.

Segundo dados da Secretaria de Trabalho do DF, o comércio demitiu 2.500 pessoas em março, puxando o índice de desemprego para cima, juntamente com a construção civil, que dispensou 3.200 trabalhadores.

Os comerciantes que já passaram

por esse estágio e estão sem capital de giro para se proteger do plano vivem outra fase, a de baixar as portas.

Mas eles custam a cair na real, preferem negar a realidade e acabam passando por uma crise pessoal, muitas vezes até pior do que a financeira.

“Geralmente, quando um empresário passa por uma situação dessas, ele se desgasta tanto que acaba se afastando dos amigos e da própria família. Quando vai procurar ajuda, o lado psicológico já tomou conta do organismo”.

Reflexo — A análise é da psicóloga Lúcia Miranda. O aumento de 15% no movimento de empresários em seu consultório é um reflexo do desespero do setor.

Os olhos de Mário Gomes enchem-se de água quando lembra que está à beira da falência. B. engasga só de pensar em ter que falar

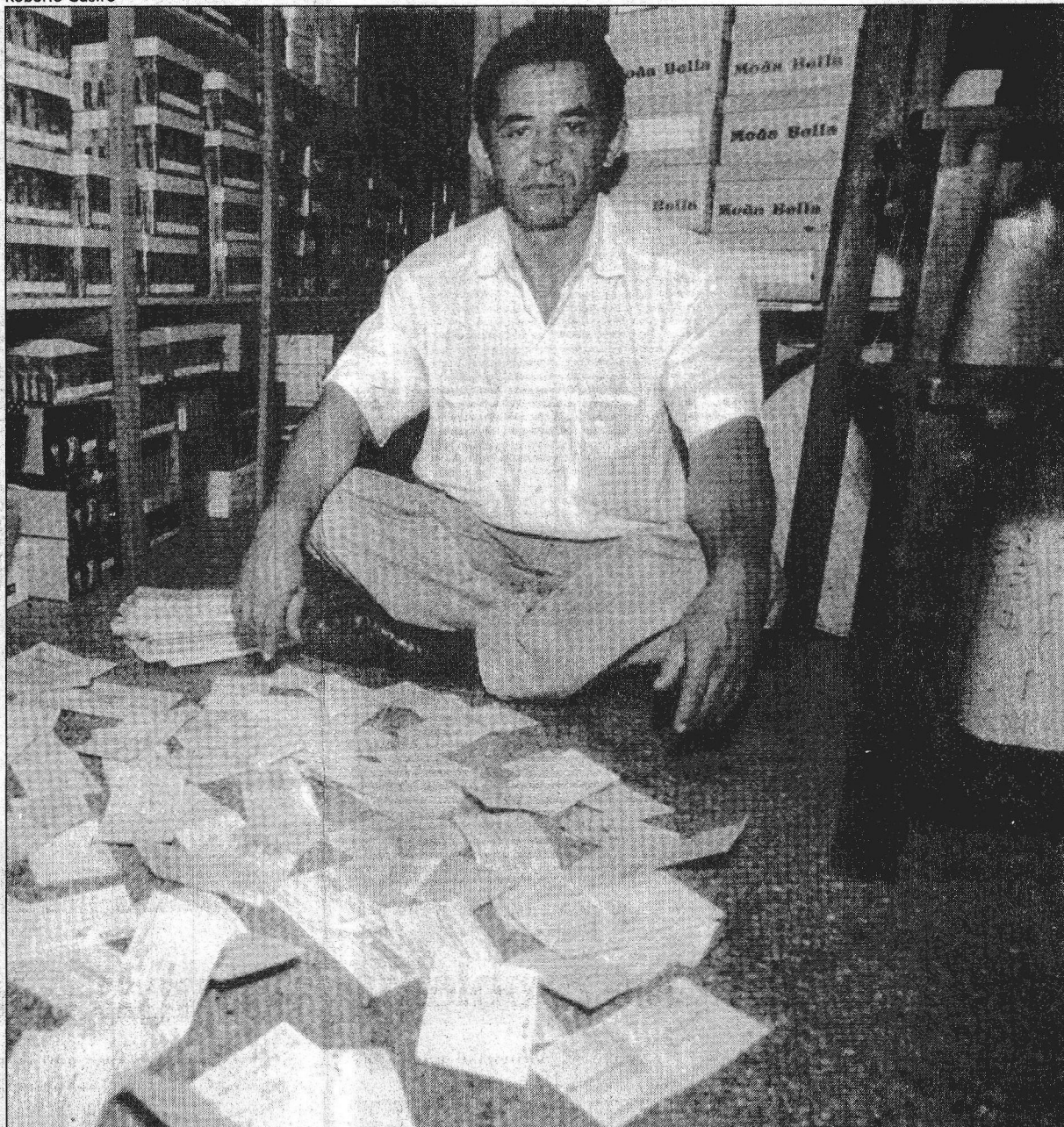
com alguém sobre seu drama. Não quer se identificar, nem conta detalhes.

R. nega para si mesmo que a situação seja crítica, apesar de ter recebido há dez dias um citação da Vara de Falência para quitar um dívida de R\$ 25 mil com o banco.

Robson, depois de duas tentativas fracassadas como empresário, não quer nunca mais saber de comércio. J. escapou das dívidas por pouco, trocando a agência de automóveis por um jet ski.

Mário, B., R., Robson, J., são os órfãos de uma crise sem solução, para eles, mas necessária, segundo o governo, em prol do equilíbrio econômico do país.

Roberto Castro



Com R\$ 80 mil em cheques sem fundo e títulos protestados, Mário desabafa: “já pensei até em me matar”

A inadimplência dos consumidores cresceu 132%, enquanto as dívidas se multiplicaram